

Narrativas jornalísticas de crises climáticas em Moçambique: Um olhar sobre Ciclone Idai nas Emissoras TVM e STV¹

António Damião²
Junior Rafael³
Vilma Matias⁴

Resumo

Este estudo investiga o papel das mídias moçambicanas na cobertura de desastres climáticos, com foco no Ciclone Idai de 2019. A análise das reportagens examina como o jornalismo pode sensibilizar a população sobre as mudanças climáticas e estimular ações de mitigação, destacando os desafios e oportunidades para melhorar a informação pública e mobilizar a sociedade. Os resultados indicam que a mídia contribuiu pouco para a mobilização popular na prevenção dos danos causados pelo ciclone, devido ao uso de linguagem técnica que dificultou a compreensão das matérias e à falta de estratégias de engajamento que pudessem atrair o interesse do público, refletindo uma carência de literacia ambiental.

Palavras-chave: Moçambique; TVM; STV; Mudanças climáticas; Cobertura jornalística.

Introdução

Esta pesquisa analisa a cobertura das intempéries em Moçambique, comparando as abordagens da mídia pública (TVM) e privada (STV). O estudo examina como essas emissoras constroem narrativas sobre catástrofes naturais, identificando diferenças e semelhanças no tratamento das crises.

Localizado no sudeste da África e vulnerável a fenômenos climáticos, Moçambique sofreu com ciclones como Idai e Kenneth entre 2014 e 2024, que causaram destruição e mortes. A mídia desempenha um papel crucial na percepção pública desses eventos e na conscientização sobre as mudanças climáticas, exacerbadas pelo aquecimento global (IPCC, 2018). A pesquisa, de natureza qualitativa, explora a complexidade desses fenômenos, dividindo-se em seções: contextualiza as

¹ Trabalho apresentado no ET: estratégias comunicacionais em eventos climáticos extremo do XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Realização UDESC, nos dias 4 a 6 de dezembro de 2024.

² Mestrando em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: antoniodamiao03@gmail.com.

³ Mestrando em comunicação midiática pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Email: juniorrafaelrafael92@gmail.com

⁴ Mestranda em Direito pelo Programa de Pós-graduação de Direito na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: vilmamatias07@gmail.com

crises climáticas em Moçambique, discute o sistema de mídia do país com foco na TVM e STV, e avalia os desafios e limitações da cobertura midiática sobre a crise climática.

Crises climáticas

Os ciclones tropicais estão se tornando mais intensos devido ao aquecimento dos oceanos, que fornece energia para esses sistemas de tempestades (Emanuel, 2013). O aumento da temperatura global tem sido diretamente associado a um aumento na frequência e intensidade de ciclones (IPCC, 2021). Em destaque, a região do Oceano Índico, que banha Moçambique, tem vivenciado eventos ciclônicos cada vez mais graves.

O Ciclone Idai, classificado como uma tempestade de categoria 4, é um exemplo claro das consequências das mudanças climáticas no contexto africano. Para além dos danos imediatos causados pela força dos ventos e inundações, a crise humanitária que seguiu foi exacerbada pela falta de infraestrutura adequada e resposta governamental limitada” (Relatório do Banco Mundial, 2019).

A proliferação dessas intempéries resulta muito do se chama *efeito estufa* que são gases “possuem a característica de receber e retransmitir calor de suas moléculas para o meio, inclusive em direção à superfície terrestre, esse vai e vem de energia atrasa a dissipação da energia absorvida pela terra de volta ao espaço” (Klug; Marengo; Luedemann, 2016).

Sistemas de mídia

Durante o período da colonização portuguesa, não existia imprensa originalmente moçambicana. Se destaca como a primeira imprensa a circular em Moçambique *O Boletim oficial* publicado pelo colonialismo português em 1836. Hohlfeldt e Santos (2009) explicam que Moçambique foi das últimas colônias a receber a imprensa e a adotar tal iniciativa. De acordo com os autores, a primeira colônia portuguesa a praticar a atividade jornalística foi o Brasil e depois seguiram as colônias africanas, começando pelo Cabo Verde (1842), Angola (1845), Moçambique (1854), São Tomé e Príncipe (1857) e Guiné Bissau (1879).

Os sistemas de mídia em Moçambique abrangem uma variedade de formas, incluindo público, privado, religioso e comunitário. No contexto desta proposta, vamos explorar especificamente os sistemas público e privado. A mídia pública em Moçambique é financiada

parcial ou integralmente pelo estado moçambicano. Entre os principais veículos estão a Televisão de Moçambique, a Rádio Moçambique e o Jornal Notícias, que muitas vezes são percebidos pela opinião pública como pró-governo. Por outro lado, a mídia privada é constituída por iniciativas independentes, frequentemente adotando uma postura crítica em relação ao governo.

Televisão (TVM e STV)

Em Moçambique, o primeiro sinal de televisão foi transmitido durante a Feira Internacional de Maputo (Facim), marcando o início das transmissões da Televisão de Moçambique. Isso ocorreu em 1979, quando a emissora entrou no ar pela primeira vez. Desde então, a televisão tem desempenhado um papel fundamental na disseminação de informações e entretenimento no país.

A STV por outro lado é uma estação de televisão privada moçambicana criada em 2002 pelo Grupo Soico. A estação emite em canal aberto através da rede digital da TMT (Transporte, Multiplexação e Transmissão), por cabo e via satélite (Grupo Soico, 2024).

Miguel (2008) afirma que “o funcionamento da STV conta com o respaldo da Rede Globo, com a qual estabelece uma parceria, e também com o canal Futura, das Organizações Globo”. A STV é uma televisão diversificada que atende interesses de uma audiência variada. Essa emissora do Grupo Soico funciona em sincronização com outros veículos que fazem parte da rede como a rádio (SFM), um jornal de circulação semanal, *O País*, e uma agência de publicidade. No contexto das editorias, Miguel (2008) afirma que a informação veiculada nos horários noticiosos é um dos principais atrativos para os telespectadores da STV. Isso se deve à transmissão de noticiários e debates de alto prestígio e qualidade, abordando temas políticos, econômicos e sociais.

O grupo Soico hoje tem dois canais de televisão, um *STV standard* e o outro é o canal de notícias designado *STV Notícias*. Os dois canais transmitem 24 horas de emissão e cobrem todas as capitais provinciais e ainda vários distritos e postos administrativos, no país. A nível internacional, a STV Notícias pode ser vista em Angola e Portugal.

Desafios e limitações

Embora os jornalistas desempenham um papel crítico na conscientização sobre mudanças climáticas, eles enfrentam várias barreiras. Uma delas é a falta de acesso a informações precisas e atualizadas, especialmente em regiões com infraestrutura de comunicação limitada. Além disso,

os jornalistas em Moçambique enfrentam restrições financeiras e políticas, que podem influenciar a profundidade e a objetividade da cobertura (Berger, 2018).

A cobertura das intempéris climáticas, muitas vezes se limita a reportagens sensacionalistas, o que dificulta ou bloqueia uma discussão mais profunda sobre as causas e soluções. Mas isso também pode estar aliado à falta de preparo dos jornalistas em matérias como estas e similares. Outro desafio é a alfabetização climática entre os próprios jornalistas. Muitos não têm formação adequada em ciência do clima, o que dificulta a interpretação e comunicação correta das ligações entre eventos extremos e as mudanças climáticas globais (Schmidt et al., 2013).

A ausência de treinamento conveniente e a pressão em publicar rapidamente as notícias, podem resultar em cobertura incompleta ou imprecisa. Essa falta de treinamento, reduz a força da notícia e o empenho profissional do jornalista em Moçambique. As simulações muitas vezes promovidas pelo Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC), não abrangem efetivamente os fazedores da comunicação e as agências por onde esses mesmos jornalistas trabalham, conteúdos assim são escassos na sua promoção.

A cobertura midiática do ciclone Idai

O jornalismo desempenha um papel fundamental na conscientização pública e na resposta a desastres climáticos. Segundo Boykoff (2011), os jornalistas têm a responsabilidade de traduzir a complexidade científica das mudanças climáticas em informações acessíveis para o público geral. Isso envolve não apenas reportar sobre o evento em si, mas também fornecer contexto sobre suas causas, implicações e as medidas que podem ser adotadas para mitigar futuros desastres.

No caso do Ciclone Idai, a cobertura midiática foi crucial para mobilizar ajuda internacional. No entanto, a forma como o desastre foi reportado variou. Em algumas regiões, o enfoque foi nos efeitos imediatos, como a destruição de infraestrutura e a perda de vidas, enquanto outras reportagens destacaram as ligações entre o ciclone e as mudanças climáticas. A cobertura de longo prazo também se mostrou limitada, com pouca ênfase nas estratégias de adaptação e reconstrução (Chari, 2020).

Neste estudo, analisamos quatro notícias, sendo duas de cada veículo de comunicação.

Cada veículo publicou uma notícia antes e outra durante a devastação causada pelo Ciclone Idai em Moçambique. A primeira notícia veiculada pela Televisão de Moçambique sobre o Ciclone Idai não enfatizava os riscos nem promovia a sensibilização. Em vez disso, seu foco estava principalmente em detalhar os potenciais perdas materiais decorrentes da passagem do ciclone, com pouca ênfase na conscientização sobre os riscos e medidas preventivas.

No dia 13 e 14 de março de 2019 antes da passagem do ciclone Idai, mas que já era previsto, a narrativa da peça da TVM começa com uma descrição técnica do ciclone, informando as características principais do fenómeno, como a velocidade dos ventos (entre 180 e 220 km/h) e o volume de chuvas (acima de 130 mm em 24 horas). A narrativa segue com uma lista dos distritos e regiões que serão afetados nas províncias centrais de Sofala e da Zambézia. Essas notícias em nenhum momento focou nas medidas de prevenção de risco, apenas destacou o avanço das águas e a iminente chegada do ciclone Idai sendo que seria o momento crucial para sensibilizar a população e assim evitar a perda de vidas humanas. Isso

Nos mesmos dias no jornal da STV era transmitido uma notícia voltada a chegada do ciclone Idai. O conteúdo da STV diferentemente do que foi publicado na TVM, este era mais incisivo na sensibilização sobre o risco de vida. A matéria começa com *“Face a previsão, o Centro Nacional Operativo de Emergência (CENOE) lançou um alerta sensibilizando os cidadãos da área a ser atingida a tomarem medidas de precaução adicionais e orientou a unidade Nacional de Proteção Civil a transferir compulsivamente as populações que permanecem nas baixas dos rios e pequenas ilhas. E termina com “Chama se ainda atenção para o reforço da segurança das coberturas das casas, portas e janelas, retiradas das imediações de residências de objectos que possam ser arrastados, pondo em risco a vida das pessoas, bem como para abster se de travessias dos rios e estar ao ar livre, incluindo à ida das crianças às escolas”*. Isso representou uma estrutura da narrativa muito clara e directa, e destaca a importância da preparação em face dos eventos que se aproximavam. A notícia do dia 15 por outro lado fazia apenas referência aos danos e a destruição registada com a passagem daquele fenómeno.

Considerações finais

Com base na conceituação de Pinheiro (2017, p. 43), que destaca a relevância da mídia ao relatar catástrofes, observamos que a função dos veículos de comunicação vai além da simples

descrição dos eventos. Segundo o autor, ao narrar uma catástrofe, a mídia não apenas a descreve, mas também expõe as condições em que ela poderia ter sido evitada, fornecendo assim um esquema explicativo essencial em momentos de crise catastrófica. Nesse sentido, os dois veículos não agendaram o público e pouco contribuíram na mobilização da população para a prevenção dos danos provocados pelo evento ciclônico pois, por um lado, o uso de uma linguagem técnica dificultou o entendimento das matérias divulgadas e, por outro, pela forma como foram apresentadas, as notícias não despertaram o interesse do público sem literacia ambiental.

Referências

- Boykoff, M. (2011). *Who Speaks for the Climate? Making Sense of Media Reporting on Climate Change*. Cambridge University Press.
- Chari, T. (2020). *Climate Change Reporting in Africa: A Critical Analysis of Media Narratives on Cyclone Idai in Zimbabwe and Mozambique*. *Global Media Journal*, 12(4), 90-104.
- Emanuel, K. (2013). *Tropical Cyclones and Global Climate Change*. *Annual Review of Earth and Planetary Sciences*, 31, 75-104.
- GERHARDT, T. A.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul: Editora UFRGS, 2009.
- IPCC. (2018). *Global Warming of 1.5°C: Summary for Policymakers*. Intergovernmental Panel on Climate Change.
- MIGUEL, J. *Televisão e espaço público em Moçambique: o setor televisivo aberto*. 189 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/45AVFIL>. Acesso em: 20 out. 2024.
- PINHEIRO, Araujo. O sentido das catástrofes naturais na mídia: da prevenção à adaptação. *Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones"*, v.10, n.2, p.39-55, Julho-Dezembro 2017.
- SCHMIDT, A., Ivanova, A., & SCHÄFER, M. S. Media attention for climate change around the world: A comparative analysis of newspaper coverage in 27 countries, 2013.